

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 79

Conceção de indivíduo e de sociedade: um ensaio acerca das convergências e das divergências

José Miguel Ferreira Ricardo

Porto, abril de 2019

 **instituto**
SOCIOLOGIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Conceção de indivíduo e de sociedade: um ensaio acerca das convergências e das divergências

José Miguel Ferreira Ricardo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

josemiguelricardo@outlook.com

Submetido para avaliação: fevereiro 2019/Aprovado para publicação: abril de 2019

Resumo

Neste ensaio compararam-se as propostas teóricas quanto à conceção do indivíduo e da sociedade avançadas pelas correntes sociológicas do Interacionismo Simbólico, da Escola Crítica de Frankfurt e por dois sociólogos contemporâneos alemães, Jürgen Habermas e Niklas Luhmann. Abordando as propostas teórico-conceituais dos diversos autores destas diferentes escolas de pensamento pretendeu-se encontrar pontos de convergência ou de divergência quanto às suas conceções do indivíduo e da sociedade. Conseguiu-se demonstrar que autores pertencentes à mesma escola sociológica tendem a partilhar pressupostos epistemológicos e ontológicos desde os quais baseiam a sua teoria do indivíduo e da sociedade e a análise dos mesmos. Autores como George H. Mead, Herbert Blumer e Howard Becker têm uma perspetiva mais próxima do indivíduo e da forma como este constrói a sua identidade e se relaciona com o mundo exterior. No extremo oposto, Niklas Luhmann aborda a sociedade segundo uma perspetiva sistémica na qual os indivíduos são sistemas psicológicos em comunicação entre si. Entre estas duas formas de abordar o mundo social, tanto os autores da primeira geração da escola crítica de Frankfurt (Adorno, Horkheimer e Marcuse) como da segunda geração (Habermas) dão ênfase tanto ao papel dos indivíduos nas ações do seu dia-a-dia e na construção do mundo como às constricções estruturais que a vida em sociedade exerce no ser humano.

Palavras-chave: individuo, sociedade, Escola Crítica de Frankfurt; Interacionismo Simbólico.

Abstract

In this essay we compare the theoretical propositions about the conception of the individual and of the society advanced by different sociological schools of thought as the school of symbolic interactionism, the Critical School of Frankfurt and by two German contemporary sociologists, Jürgen Habermas and Niklas Luhmann.

Approaching these theoretical and conceptual propositions made by the authors of these different schools we tried to find points of convergence or divergence in their ideas of the individual and of the society. We demonstrate that authors belonging to the same schools of thought tend to share the same epistemological and ontological assumptions from which they base their theory of the individual and of the society and their respective analysis. Authors as George H. Mead, Herbert Blumer and Howard Becker have a perspective closer to the individual and focus on the way he constructs his identity and his relationship with the outside world. On the other hand, Niklas Luhmann approaches the society from a systemic perspective in which the individuals are psychological systems in communication with each other. Between these two different ways of considering the social world the authors from the first generation of the Critical School of Frankfurt (Adorno, Horkheimer e Marcuse) and the authors of the second generation (Habermas) emphasize both the role of individuals in their own actions in their day to day life and in the construction of the world, and the structural constraints that life in society exercises in the human being.

Keywords: individual, society, Frankfurt Critical School; Symbolic Interactionism.

Conceção de indivíduo e de sociedade: um ensaio acerca das convergências e divergências

A sociologia, ao longo da sua vida enquanto ciência social, tem sido solo fértil para diferentes árvores teóricas. Cada uma destas árvores assenta as suas raízes em diversos pressupostos. Os paradigmas sociológicos, de acordo com Creswell (2014), podem ser divididos, de acordo com divergências nas suas premissas, em diferentes planos (ontológicos, axiológicos, metodológicos, retóricos e epistemológicos). Ao analisar e confrontar teorias sociais iremos encontrar diferentes perspetivas sobre o papel do indivíduo na sociedade, diferentes posições quanto aos constrangimentos, conscientes ou inconscientes, que influenciam ou determinam a sua ação. Enfim, concepções dispares do conceito de indivíduo, de sociedade e da sua relação. Neste ensaio, iremos ter como centro de análise as teorias lecionadas na unidade curricular Correntes Atuais de Sociologia, nomeadamente o interacionismo simbólico, a escola crítica de Frankfurt e dois autores da sociologia alemã contemporânea, Jürgen Habermas e Niklas Luhmann. O objetivo será comparar as diferentes concepções de indivíduo e de sociedade nestas correntes, bem como de as criticar à luz de outras teorias sociais.

Iniciando o diálogo pela unidade, nas diferentes correntes sociológicas existem diferentes perspetivas quanto ao carácter ontológico do ser humano, bem como na relação entre agência ou determinação. Para uns, o ser humano tem um papel voluntarista na sua ação, é ele que decide como agir. São disso exemplo a teoria da interação de Max Weber ou a Teoria da Ação Social de Parsons. Para outros, a ação do indivíduo pode ser considerada como uma resposta a estímulos externos (Pavlov) ou controlada pelo inconsciente (Freud) (Turner, 2006). No entanto, apesar do voluntarismo compreendido nas primeiras, é assumido pelos autores que existem fatores que influenciam, nuns casos, ou constroem, noutros, a sua decisão.

O Interacionismo Simbólico baseia a sua teoria social, em grande parte, nos contributos do psicólogo social G. H. Mead e do sociólogo H. Blumer. Segundo o primeiro, o ser humano é um ser social que constrói a sua identidade no decorrer de processos de interação e de significação. O ser humano consegue tomar para si o papel de outro indivíduo em interação, interiorizando as suas atitudes e, segundo um processo de mediação, isto é, de uma conversa interior, o indivíduo consegue colocar-se no papel do seu próximo demonstrando, assim, uma inteligência reflexiva que será fundamental para a construção de significados. Com o conceito de *self*, Mead traz uma nova forma de olhar para os processos internos do ser humano. Este conceito é dividido entre o *I* e o *me*, sendo o *me* a nossa autoimagem, criada a partir da perspetiva dos outros, e o *I* a parte criativa, livre, que com base nos processos sociais

interiorizados e organizados no *me* decide e age no momento (Silva, 2008). Herbert Blumer, seguindo os contributos de Mead, defende que os seres humanos agem em relação aos objetos de acordo com os significados que eles têm para si. Esses significados são construídos na interação entre sujeitos e objetos e reconstruídos ou modificados através de um processo interpretativo que os sujeitos acionam quando se deparam com esses objetos. O ser humano interage de acordo com os simbolismos interpretados por si e das expectativas criadas por processos sociais interiorizados em experiências de interação passadas (Malhotra, 1987). Para Blumer, se por um lado o indivíduo age de acordo com a situação e os significados, por outro ele tem um papel ativo na definição da primeira e na construção dos segundos. Assim, o Interacionismo Simbólico percebe o indivíduo em interação como o foco principal do estudo sociológico, defendendo que a interação apenas é possível devido a uma intersubjetividade partilhada, um stock de conhecimentos adquiridos e tidos como adquiridos pelo sujeito com o qual interagimos (Carter, 2015).

As perspetivas dos autores da primeira vaga da Escola Crítica de Frankfurt, ao contrário do behaviorismo social do Interacionismo Simbólico, seguem a corrente freudiana na sua conceção psicológica do ser humano. Para estes autores, a sociedade exerce tal pressão sobre os indivíduos que os sufoca e lhes retira a sua individualidade. Com efeito, para Adorno,

Os processos de individuação e socialização não podem ser separados, ambos estão imbricados desde o início. Portanto, dizer que o indivíduo deve a forma como exerce, ou não, sua individualidade à determinação social não é apenas dizer que o indivíduo é pressionado a ser de tal ou qual forma. Mais do que isso, é afirmar que ele já é constituído de maneira a não haver mais necessidade de uma pressão para que ele se comporte de uma forma específica (Moraes, 2006: 130).

Também Marcuse (1975) defende a teoria de que o sujeito está duplamente condicionado, pelas estruturas biológicas e pelas estruturas sociais. Na sua tese, o indivíduo perde a sua individualidade (autonomia) e incorpora as necessidades e condutas impostas pelo grupo social (heteronomia). Este assume uma força repressiva sobre o ser humano, de grande magnitude, que transforma a maioria em seres unidimensionais e, segundo o autor, apenas os indivíduos socializados nas margens do sistema capitalista teriam vontade e capacidade crítica para mudar a sociedade. Daí, o conflito entre instintos biológicos, individualidade e sociedade terá de ser resolvido numa nova dinâmica entre estes que se traduza numa forma fundamentalmente diferente de ser (Marcuse, 1975). Contudo, tanto o seu uso da teoria psicanalista como a sua utopia foram criticados por diversos autores que o acusam de uma compreensão ou utilização incorreta de conceitos freudianos (Fromm, 1969; Alford, 1987) ou da sua única alternativa para uma sociedade de repressão ser

uma sociedade de gratificação sem esforço (Alford, 1987). Se o interacionismo Simbólico defende a participação ativa do indivíduo na construção da sua identidade, para os autores da Escola Crítica de Frankfurt o ser social é uma mescla de processos psicológicos que medeiam as pulsões biológicas segundo as pressões do grupo em que foi socializado.

Esta clivagem poderá ser transposta para o diálogo entre Habermas e Luhmann, ainda que desenhada com outros contornos. Os autores partilham a defesa aos mecanismos e processos da modernidade. Ambos os autores usam o conceito fenomenológico de mundo-da-vida e ambos dão especial importância à situação de interação e à comunicação entre os indivíduos (Kjaer, 2006). No entanto, os autores divergem em vários aspetos das suas perspetivas, tendo sido protagonistas de um intenso debate teórico que, em consequência, proporcionou algumas alterações convergentes nos seus projetos.

Para Luhmann “os seres humanos não possuem traços inatos significativos, necessitam de instituições efetivas para contrabalançar a ausência de uma estrutura interna” (Baert & Silva, 2014: 73) e, através dessa institucionalização, “compensar a indeterminação e indefinição intrínsecas” (Baert & Silva, 2014: 71). As funções e estruturas latentes do sistema social, definem a situação em que os indivíduos se encontram e dão sentido à comunicação. Este processo responde à necessidade emergente da dupla contingência existente na comunicação entre dois indivíduos. Ou seja, reduz o indivíduo a um “sistema psíquico” (Santos, 2005, p. 82), que comunica de acordo com a memória sistémica de comportamentos e possibilidades possíveis para a situação definida. No entanto, apesar dos constrangimentos estruturais e funcionais, o evento é sempre imprevisível devido à complexidade do meio. Assim, mesmo que para Luhmann o indivíduo não seja considerado parte do sistema social (apenas enquanto ponto emissor ou recetor de comunicação), ele é parte do mundo, ou seja, do meio ambiente que envolve o sistema social (Santos, 2005).

Em contraponto, Habermas, enquanto autor da sociologia crítica, tem o ser humano no âmago da sua teoria. Pretende analisar a sociedade real e propor alterações que tragam a autoemancipação dos indivíduos. O sociólogo afirma a existência de uma “realidade objetiva e contingencial” e defende que esta “se expande a partir de um “eu” entendido racional-comunicativamente” (Assai, 2014: 220). Ou seja, de acordo com as suas influências hermenêuticas, o autor considera o indivíduo um ser num mundo hermenêuticamente compreendido e racionalmente comunicado. É com este modelo de um mundo-da-vida articulado linguisticamente e partilhado intersubjetivamente que Habermas quebra com o que considera ser uma das falhas metodológicas da primeira Escola Crítica, isto é, a filosofia da consciência. Nas

palavras do autor “eles não estavam aptos a olhar para a terra de ninguém da vida cotidiana” (in Lafont, 2008: 167). A racionalidade comunicativa depende de atos de fala simetricamente orientados. Estes ocorrem num tipo ideal de situação em que os indivíduos podem dialogar sem constrições e, assim, chegar a um consenso baseado na validade dos argumentos. De acordo com o autor, quando existe um espaço social que se coaduna com essas premissas é criada uma esfera pública que serviria para a iluminação de todos os intervenientes. A concepção de indivíduo para Habermas é assim divergente da de Adorno, Horkheimer e Marcuse, mas aproxima-se do Interacionismo Simbólico no foco dado à interação, à intersubjetividade do mundo-da-vida e ao papel da linguagem na sua leitura.

O conceito de sociedade, no seu sentido sociológico, refere-se a um grupo de indivíduos que agem em conjunto mediante um determinado nível de organização (Turner, 2006). Para alguns autores, a sociedade é apenas o produto de ações e interações individuais, para outros ela transcende o indivíduo e constrange a sua existência.

Herbert Blumer defendia que a sociedade não existia sem ser pela rede de interações, sentidos e significados criada pelos indivíduos. Os grupos humanos são formados por indivíduos em ação e é nesse contexto que devem ser considerados. Segundo o autor, a ação conjunta seria uma interligação de atos individuais que, a partir de indicações dadas ao *self*, permitem ao indivíduo atuar como um ente que interpreta e toma decisões com base nas suas interpretações. É através da ação conjunta, da interação intersubjetiva, que o *self* emerge no indivíduo. É, também, através dela que se criam conjuntos de conhecimentos partilhados que constroem esquemas, quadros, tipificações que permitem aos indivíduos interpretar os objetos e os símbolos (Hamlin, 2001). Esta comunhão de conhecimentos é essencial para a existência de intersubjetividade, para a definição e negociação da situação em que se encontram, enfim, para que tudo se encaixe. Só assim o indivíduo é capaz de suspender a dúvida que surge no encontro com o estranho e manter uma atitude natural em relação ao mundo da vida.

Esta visão de sociedade de Blumer seria bastante criticada pela falta de consideração pelas estruturas sociais. Howard S. Becker (2009), outro autor do Interacionismo Simbólico, considera que o que interessa não é só o que as pessoas fazem juntas, mas também as regularidades e as normas que constroem essas ações. Segundo este autor, todos os grupos sociais definem normas sociais e sancionam quem não as cumpre. Essas normas são impostas por indivíduos ou instituições sociais especializadas e incumbidas de castigar os comportamentos desviantes. Os denominados de “guardiães da moral” utilizam mecanismos de rotulagem e

estigmatização como sanção ao indivíduo desviante e, assim, promovem a normatividade no grupo. Para Becker, a criação de regras e normas é um processo social e político, dependente de relações de poder desequilibradas entre os indivíduos (Barros *et al.*, 2019; Guerra, 2002).

A Escola Crítica de Frankfurt tem uma posição bastante diferente dos autores da interação simbólica. A sua visão da sociedade é quase totalitária. Objetificam e caracterizam os seus processos como se de um ser se tratasse. Críticos do projeto da modernidade, eles classificam a intensa mecanização e industrialização do mundo como algo nocivo. Aliás, para os autores, a mecanização atravessa a fronteira do mundo industrial e insere-se na vida humana, padronizando e empobrecendo o indivíduo. Para Adorno e Horkheimer (1985) o projeto moderno tinha sido um fracasso. A Indústria Cultural alienava e adormecia uma massa amorfa, incapaz de lutar, física ou intelectualmente, contra o sistema capitalista. Criticavam também a ciência amoral e tecnocrata que construía armas com um grande poder de destruição. Eram contra esta racionalização da morte. Defendiam uma ciência humanista que pretendesse melhorar as condições de vida do cidadão comum. Marcuse (1975) reiterava que a organização social transubstancia as suas necessidades para o indivíduo, generalizando-o e padronizando-o. O ser humano do sistema capitalista era um ser unidimensional sob uma sociedade repressiva. No entanto, era essa sociedade interiorizada que organizava o ego humano e o tornava num sujeito consciente, pensante, racional. Para o autor, o sistema capitalista vivia em contradição e só através da negação total do sistema poderia existir mudança. Defende uma sociedade livre e, para ele, a liberdade é sinónimo de autonomia. Portanto, só uma sociedade baseada nas pulsões naturais do homem poderia ser berço de um ser humano verdadeiramente livre.

Estes autores seriam bastante criticados pela sua visão pessimista sobre o papel apático do homem e sobre a modernidade enquanto projeto social. Para Habermas, a primeira Escola Crítica partia de uma perspetiva pré-moderna e, assim, pecava por primitivismo. Ao contrário destes, o autor defende o projeto iluminista. No entanto, discorda de Kant e de outros pensadores da modernidade na forma como atingir essa sociedade ideal construída por base da racionalidade. Entende que o capitalismo se esqueceu da compreensão partilhada do mundo por parte dos sujeitos. Influenciado por diversos autores como Mead, Gadamer, Weber ou Garfinkel, tem uma conceção da sociedade baseada na interação (Baert & Silva, 2014). A interação é feita no contexto do mundo-da-vida, composto por padrões interpretativos organizados cultural e linguisticamente (Kjaer, 2006). Este mundo da vida é, também, parte do meio ambiente no qual o sistema social de Niklas Luhmann emerge. No entanto, o foco central de Luhmann é a comunicação entre indivíduos e não a interação.

As diferenças e disputas teóricas entre os autores vão além das suas perspectivas quanto à gênese da sociedade. Embora ambos sejam defensores do projeto da modernidade, eles também divergem na sua opinião quanto a este. Para Habermas, o sistema capitalista havia esquecido o aspeto da compreensão partilhada do mundo. Para o autor, o sistema é a racionalização técnica da linguagem, da tecnologia, da política ou do direito que levava a uma extrema burocratização do mundo. Os processos de racionalização e descontextualização dos tecnocratas estavam a corromper e a deformar o mundo da vida, empobrecendo-o ao impor a sua linguagem mecanizada. Tem assim, apesar de tudo, uma perspectiva paralela à da primeira Escola Crítica de Frankfurt quando considera a colonização da vida quotidiana por parte de um sistema repressivo.

Luhmann, pelo contrário, é um defensor da teoria dos sistemas. Considera que o sistema social surge com a função de reduzir a complexidade do meio ambiente. Ou seja, o sistema seleciona acontecimentos relevantes do ambiente e integra-os no sistema, comunicando os seus significados e guardando-os numa memória sistémica que irá operar enquanto estrutura latente. Outra forma de o sistema lidar com a complexidade do meio é o processo de diferenciação sistémica. O sistema social possui, assim, diferentes subsistemas que, segundo o autor, partilham todos o mesmo “código”, mas podem diferenciar-se na estrutura e nos processos de comunicação. Desta forma, cada subsistema responderá a necessidades específicas, podendo existir hierarquias entre eles ou partilha de processos e funções (Baert & Silva, 2014). Luhmann considera o sistema social um sistema autopoietico, ou seja, é um sistema que se auto organiza quando confrontado com novos eventos do meio ambiente. À medida que a complexidade vai aumentando o sistema vai incorporando os novos eventos de forma a preservar a sua autonomia. Torna o não-familiar em familiar (Kjaer, 2006).

Ademais, Habermas defende que o mundo da vida deveria lutar contra a colonização do sistema e até penetrar nos seus mecanismos burocráticos, como demonstra, por exemplo, a sua proposta de que as leis fossem criadas em debate de cidadãos comuns, e não por técnicos especializados. Pelo contrário, Luhmann defende que as fronteiras do sistema são intransponíveis ao mundo da vida. O autor afirma que nunca houve tanta complexidade, tantos eventos possíveis. Para ele, a compartimentação e racionalização do mundo em vários subsistemas não são uma fonte de desordem, eles “são centrais para a criação da ordem na sociedade moderna; em vez de serem alienantes, as relações impessoais fornecem novas formas de liberdade até então desconhecidas pela humanidade” (Baert & Silva, 2014: 73).

A primeira Escola de Frankfurt foi criticada pelo seu pessimismo. Habermas, membro da segunda, foi criticado pelo seu otimismo. O autor idealiza uma esfera pública em que homens livres comunicam racionalmente, defende uma sociedade civil assente no projeto iluminista. Contudo, autores como Foucault (Flyvbjerg, 1998) demonstram como o conflito e as desigualdades criadas e reproduzidas na sociedade moderna, sejam elas étnicas, etárias ou de género, impedem que tal situação se concretize. Luhmann, tal como Parsons, foi criticado pela densidade da sua linguagem, bem como pela sua abstração teórica sem exemplos empíricos (Turner, 2006). Por fim, ambos foram criticados por não terem uma posição mais crítica face à modernidade (Baert & Silva, 2014; Turner, 2006).

Concluindo, as divergências teóricas das correntes sociológicas analisadas estão assentes em perspetivas diferentes quanto aos conceitos de indivíduo e de sociedade. Divergem também na sua visão do mundo e do sistema social moderno. Discordam sobre o papel da ciência e da sociologia para a vida do cidadão comum. Contudo, cada uma destas diferentes perspetivas enriqueceram o corpo teórico e metodológico das ciências sociais e trouxeram novas formas de nos vermos enquanto homens e mulheres, enquanto humanos, enquanto sociedade.

Referências bibliográficas

Adorno, Theodor, & Horkheimer, Max (1947). *Dialética do esclarecimento – Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Alford, C. Fred (1987). Eros and civilization after thirty years. *Theory and Society*, Vol. 16, pp. 869-890.

Assai, José Henrique Sousa (2014). A ontologia social “fraca” em Habermas: O déficit normativo do mundo da vida (Lebenswelt). *Intuito*, Vol. 7, pp. 215-225.

Barros, Leandro Eduardo Vieira, Cappelle, Mônica Carvalho Alves & Guerra, Paula (2019). Symbolic interactionism and career outsider: A theoretical perspective for career study. *REAd - Revista Eletrônica de Administração | Porto Alegre*, Vol. 25, Nº 1, pp. 26-48.

Baert, Patrick, & Silva, Filipe Carreira da (2014). *Teoria social contemporânea*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.

Becker, Howard S. (2009). *Outsiders (Estudos de sociologia do desvio)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Carter, Michael J., & Fuller, Celene (2015). Symbolic interactionism. *Sociopedia.isa*, DOI: 10.1177/205684601561, pp. 1-17.

Creswell, John W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative & mixed method approaches*. California: SAGE Publications.

Flyvbjerg, Bent (1998). Habermas and Foucault: Thinkers for Civil Society? *The British Journal of Sociology*, Vol. 49, nº 2, pp. 210-233.

Fromm, Erich (1969). Implicações humanas do esquerdismo instintivista. In Fromm, Erich; Marcuse, Herbert & Miller, Karl (Orgs.). *Marcuse Polémico* (pp. 81-100). Lisboa: Editorial Presença.

Guerra, Paula (2002). Cenários portuenses de insegurança. Contributos do interacionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio. *História - Revista da Faculdade de Letras, Série III*, vol. 3, pp. 125-159.

Hamlin, John (2001). *Symbolic interactionism as defined by Herbert Blumer*. [Em Linha]. Minnesota: Department of Sociology and Anthropology. Disponível em: <http://www.d.umn.edu/cla/faculty/jhamlin/4111/Blumer/House%20Atreides%20-%20Social%20Interactionism%20as%20Defined%20by%20Herber.htm>.

- Kjaer, Paul (2006). Systems in context - On the outcome of the Habermas/Luhmann-debate. *ANCILLA IURIS*, pp. 66-77.
- Lafont, Cristina (2008). World-disclosure and critique: Did Habermas succeed in thinking with Heidegger and against Heidegger? *Telos*, Vol. 145, pp. 161-176.
- Malhotra, Valerie Ann (1987). A comparison of Mead's "Self" and Heidegger's "Dasein": Toward a regrouping of social psychology. *Human Studies*, Vol. 10, pp. 357-382.
- Marcuse, Herbert (1975). *EROS E CIVILIZAÇÃO - Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moraes, Alexandre Lara (2006). Sobre a negatividade do conceito de indivíduo em Adorno: a resistência possível. *Psicologia USP*, Vol. 17, nº 3, pp. 127-144.
- Santos, José Manuel, org. (2005). *O pensamento de Niklas Luhmann*. Covilhã: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior.
- Silva, Filipe Carreira da (2008). *G. H. Mead – A critical introduction*. Cambridge: Polity Press.
- Turner, Bryan (2006). *The Cambridge dictionary of sociology*. Cambridge: Cambridge University Press.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the

Institute of Sociology of the University of Porto

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: <http://isociologia.up.pt/pt-pt/pagina/working-papers>

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 79

Título/Title

“Conceção de indivíduo e de sociedade: um ensaio acerca das convergências e das divergências”

Autor/Author

José Miguel Ferreira Ricardo

O autor, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons

“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal

(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).